

“Sou um homem do Sul”

Elisabete Rodrigues

Pedro Cabrita Reis é talvez o mais conceituado artista plástico contemporâneo português e um dos mais sólidos valores europeus. E é conhecido não só em Portugal, como no estrangeiro, nos centros mais dinâmicos das artes.

Descendente de famílias algarvias, com raízes no Barrocal, e depois de, nos

anos 80, ter dado aulas e vivido em Portimão, volta agora ao Algarve. Mas é um Algarve diferente, já que escolheu um monte na serra ondulada do interior do concelho de Tavira para construir a sua casa. Na realidade, são duas casas, idênticas, ambas concebidas arquitectonicamente por Ricardo Bak Gordon, ele próprio um valor ascendente da arquitectura nacional. Com o arquitecto e com o construtor, Cabrita Reis mantém laços de amizade e uma «tensão positiva». Daí que considere que estas suas casas são as suas «duas grandes esculturas dos últimos dois anos». Da casa, vê-se o mar, lá bem ao fundo, mas avista-se sobretudo a aridez da serra, que tanto agrada a Pedro Cabrita Reis. Rodeado dos seus cães, um casal de simpáticos *Castro Laboreiros*, e com a família, o artista encontrou para já um refúgio. E admite planos para intervenção em Tavira.

b- Ultimamente tem sido muito falada a sua instalação no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, que não foi uma obra feita longe dos olhos do público e depois inaugurada, mas sim uma obra em relação à qual as pessoas puderam acompanhar o processo.

PCR – Justamente! Desde o início que, depois de ter sido convidado, tive a noção de que um processo daqueles ganharia uma qualidade particular se se pudesse revelar ao longo da sua própria evolução. Mas uma vez estamos a falar aqui de construção. Esta peça foi sendo construída pelo olhar das pessoas as que a iam visitando à medida que ela ia evoluindo. Há um desdobramento da criação aquele objecto. O objecto tem uma história própria, arranca, vai para trás, vai para a frente, muda de atitude, há todo um processo de síntese que vai sendo elaborado até chegar ao resultado, que, ainda assim, não é um resultado definitivo. Mas, enquanto tudo isso acontece, há um olhar dos que vêm de fora, que também é um olhar que estabelece uma construção. Isto é, o sedimento daquilo que fica em quem vê (e houve pessoas que voltaram muitas vezes), esse sedimento acaba por ser elaborado. No espírito de cada um, ele também é uma espécie de um processo construtivo. Achei engraçado fazer isso. Não por mim, porque às vezes se tornava complexo, porque era preciso falar com as pessoas. Mas isso foi uma aposta, que à partida se sabia que tinha que ser encarada nesses termos e não podia de forma alguma fugir ou sequer interromper o processo. Houve dias em que falava com as pessoas que estavam, enquanto ao lado os meus colaboradores iam fazendo as coisas que tínhamos combinado.

b- Houve então uma espécie de trabalho a dois tempos?

PCR – Sim. Um tempo em que vi a obra a aparecer e um tempo em que eu próprio, ao ter que falar com as pessoas, tive que reelaborar em permanência, o próprio conceito sobre a obra, a minha posição sobre ela. Foi uma ginástica mental em que eu fui apurando conceitos que, à partida, não tinha tão claros como isso.

b- Que relação é que estabelece com essas pessoas que trabalham consigo e que são pedreiros, electricistas, carpinteiros, serralheiros?

PCR – São pessoas que vêm do universo normal da construção. No princípio, conversamos todos um pouco sobre o que é preciso fazer, mostro-lhes os desenhos, eles dizem-me o que é que acham, eu digo-lhes o que é que acho daquilo que eles acham, e depois aquilo começa sem grandes restrições. Vamos começando. É curioso que eles, à medida que vamos avançando, tomam em mãos o projecto, como se fosse mais deles do que propriamente de outrem. E o que é que se passa? Passa-se que começam a introduzir na realização daquilo ritmos, saberes e coisas que em nada correspondem ao que eu esperava. Muitas vezes, é preciso corrigir um pouco isso, mas também há um outro número bastante grande de vezes em que eu incorporo aquilo que eles me trazem. Porque essa incorporação traz ao trabalho os necessários condimentos da realidade. Isto é: ter uma obra de arte que é feita por carpinteiros e electricistas e que, de repente, há a utilização de tecnologias próprias de cada um deles, dos seus universos, e que são, por sua vez, idênticas àquilo que há na vida real, isso interessa-me, porque isso aumenta ainda mais o fosso de estranheza, a perplexidade que o objecto pode introduzir nas pessoas que o estão a ver. A minha relação com eles...digamos que negociamos a cada momento. Sem que eles se dêem conta disso. Há coisas engraçadas. Quando quero fazer uma parede em tijolo e quero fazê-la torta, é complicadíssimo. O pedreiro tem uma noção que lhe vem de uma prática profissional que é a de que as paredes são para ser feitas daquela forma, com aqueles instrumentos, com aqueles ritmos e processos. E eu digo-lhes que não, que não é assim. E essa tensão gera coisas complicadas. Mas, de repente, eles vêm abrir-se à frente deles um território novo, lúdico e criativo que faz com que eles, mais do que aquilo que se poderia pensar, adiram ao processo. E às vezes sou eu que tenho que entrar: «Oh pá, não é tão torta como isso!».

b- Para além dos materiais, há as pessoas...

PCR – O meu grande material são também as pessoas que ali trabalham. É engraçado porque, de repente, eles dizem: «ah, já sei como é que você quer!». E ao fim de trabalharmos um certo tempo, eles próprios pensam na realidade envolvente e dizem «ali está uma coisa que você, se calhar, quer aproveitar». E param o carro e vão buscar. É muito curioso! Nós trabalhamos num processo de abertura total, não lhes escondo as motivações, praticamente explico-lhes como é que eu sou e porque é que quero fazer aquilo e digo-lhes porque é que me apetece fazer mais aquilo

que pintar um quadro a óleo. E explico-lhes como é que eu acho que uma obra de arte deve ser na relação com a vida das pessoas. E de repente tenho ali ao meu lado tipos que param o carro, porque viram no lixo uma porta que acham que eu posso usar. Ou então olham e dizem «essa não. Essa para si não é boa, porque é muito novo e tem plástico...». Isto acontece aqui, como acontece em França, como acontece em muitos sítios do mundo, com pessoas com as quais trabalhei. Por vezes, há trabalhos para fazer em que eu não posso estar presente e eu digo «vão ter com fulano de tal, que ele sabe como se faz». Mando os desenhos, ele vem e faz. Quando eu chego, uns dias antes, a obra está praticamente feita. É dar uns toques aqui ou ali e está feito. Eu não lhes digo como é que a coisa é feita. Digo o que é que eu penso em relação àquilo. Levo-os uns passos atrás, ao sítio onde as ideias são geradas e construídas, porque daí eles partem contaminados por esse modo de pensar, com uma ideia mais ou menos correcta dos objectivos a atingir. E daqui até ali há um processo de construção, do qual até posso aproveitar os erros, que às vezes são óptimos.

b- Essa sua maneira de trabalhar tem levado algumas pessoas a comentarem que não é o Pedro Cabrita Reis que faz as suas peças, como se isso as desvalorizasse. Mas isso sempre aconteceu, por exemplo na Renascença, quando os ateliês dos grandes mestres empregavam muita gente a trabalhar nas suas obras...

PCR – Está instalada na opinião pública uma ideia criada, não há muito tempo, basicamente é uma deriva do período Romântico do século XIX, em que foi construída toda aquela teoria do artista mártir e herói, sozinho na mansarda, a morrer de fome e a cortar a orelha e a pintar quadros extraordinários. Essa imagem, essa construção política, perdura até aos nossos dias e prende-se com uma visão de que o que distinguia os artistas era a sua *artesanía*. Além da sempre presente questão da representação do real: «os bons artistas são os que fazem o olho tal e qual». A conjugação destas questões, exacerbadas pelo conceito romântico do *artista-herói*, é o fundamento desses pontos de vista, que não podem ser acusados de má fé, são apenas o produto de uma visão do mundo. Anacronicamente, vivemos no século XXI alimentados por conceitos teóricos e filosóficos do século XIX, se não mesmo anteriores. Como disse e bem, na Renascença não era assim, por exemplo. Os ateliês sempre tiveram muitas pessoas a trabalhar. O caso de Rubens, pintor do século XVIII: pintou muitos quilómetros quadrados de tela...

b- E era impossível ser ele a pintar tudo isso...

PCR – Um artista sozinho, numa vida normal, não poderia pintar tudo o que ele pintou. Sabe-se, porque foram guardados registos, que Rubens tinha uma folha de pagamentos de 18 pessoas. Mais curioso, eles não eram aprendizes, mas técnicos especializados em coisas: um era muito bom a pintar pássaros, outro a pintar flores, outro que era fantástico para nuvens... essa gente toda compunha aquelas telas que Rubens produziu no auge da carreira dele. E ele tinha o conceito inicial e dava os acabamentos finais para aquilo ser de Rubens. A maior parte das pessoas não têm esta noção. E por isso se põe a dúvida sobre a autoria da obra de

arte quando ela é feita por outras pessoas. Ela é sempre feita por outras pessoas. Ironicamente eu poderia colocar a questão de ir ver então quem é que fez as tintas, quem produziu os pincéis. Não se chega a uma obra de arte sem passar por um conjunto de pessoas. O que conta é o conceito.

b- Certamente por isso já terá ouvido o comentário «isto também eu fazia!»...

PCR – Num mundo perfeito, daqui a 10 mil anos, todos faremos arte. É uma utopia. É evidente que o que conta é o conceito, a atitude, porque mesmo que tenhamos imensas pessoas a ajudar-nos, elas não fazem o que querem, fazem o que nós queremos! (gargalhadas. Escolho aquela parte do trabalho deles, como escolho esta pedra e não essa. Escolho aquele bocado, porque o trabalho daquele homem é material para mim. Tem o mesmo valor que este bocado de tijolo o aquele bocado de pedra. No fund, é tudo uma questão de escolhas.

b- Essas suas obras, como a «Fundação», são efémeras, serão depois destruídas. Sente alguma coisa quando são destruídas?

PCR – Há sempre um momento de vazio, quando as coisas têm que ser recicladas, transformadas. Mas também é breve, porque nessa altura já estamos a fazer outras coisas. O valor dessa obra quês está a ser desmantelada já está acrescentado no olhar, na cabeça, das pessoas que a viram.

b- E o que é que pensa quando obras suas são maltratadas, como está a acontecer no CAVE de Coimbra?

PCR – Aí fico muito mal disposto. Estou a tratar de tomar as medidas necessárias. Em breve terei que dar uma resposta pública, até porque estou muito incomodado, porque li nos jornais declarações feitas pelos responsáveis que não correspondem à verdade. São uma interpretação unilateral dos factos. Não há nada mais triste que essas atitude dos responsáveis políticos quetêm o dever de ter uma atenção particular à qualidade de vida das pessoas que os elegem. A qualidade de vida das pessoas passa também pela manutenção do património que é de todos. Quando se deixa chegar àquele estado o trabalho que foi oferecido por uma empresa, é falta de respeito pelos cidadãos. As pessoas não são obrigadas a gostar. As pessoas gostam do que gostam e isso é um universo inviolável. Mas uma obra de arte pública é um bem público e tem que ser tratada e gerida por quem está temporariamente empossado para administrar a coisa pública. Os comentários sobre a hipotética qualidade das obras são irrelevantes, são universos privados. Eu posso passar todos os dias por um espaço público, onde, na minha interpretação, estão colocados autênticos mamarrachos, contudo fico indignado se os vejo grafitados, mal mantidos, se vejo que as luzes que os deviam iluminar não funcionam, ou se vejo carros estacionados em cima deles. As cidades são organismos vivos e alimentam-se de muitas correntes de pensamento

e de energia. Não podemos ambicionar ter uma cidade horrivelmente totalitária, só com objectos que agradem a este ou àquele. Agora, os responsáveis não podem de forma alguma deixar cair as suas responsabilidades

Disponível para trabalhar em Tavira

Mais do que simplesmente gozar do descanso do seu refúgio nas serranias, PCR está aberto a trabalhar por Tavira.

b- Em Tavira, já lhe foi proposto fazer alguma peça para um espaço público?

PCR – Está em aberto. Há abertura de ambas as partes, para, mais cedo ou mais tarde, colocar em Tavira uma peça minha, num espaço que escolheremos de comum acordo. Não sabemos ainda o que será. A Câmara já me abordou nesse sentido, eu manifestei disponibilidade. É uma questão de tempo. É um universo ainda em aberto.

b- E pretende, de alguma forma, intervir em Tavira a outros níveis? Fala-se na criação de um Centro de Arte Contemporânea? Vai ter participação nesse projecto? Ou noutros?

PCR – Tavira tem uma boa qualidade de vida física e mental. Acho óptimo que haja muita gente a escolher Tavira. É uma forma de dar a esta paisagem uma dinâmica que ela precisa para equilibrar outras dinâmicas de desenvolvimento. Tenho em mim uma certa necessidade de intervenção pública. O forma-to que isso terá não sei. Com certeza que não estou interessado em envolver-me directamente no Centro de Arte Contemporânea. Mas gostaria de organizar um ou outro pequeno evento que, ao fim e ao cabo, poria à disposição da população de Tavira algumas das minhas possibilidades, capacidades e perspectivas, e pô-las ao serviço da cidade, criando um ou outro evento que possa ter interesse. Não vejo que, para mim, pessoalmente, possa ser algo de forma continuada, porque não é o meu modo de estar.

b- Mas isso passaria por trazer cá artistas de nomeada?

PCR – O formato ainda não está definido. Mas poderia passar por encontros de pessoas, por residências de artistas, por artistas que vêm a Tavira estar um tempo, desenvolver um projecto e depois vão embora...Tem que ser uma coisa muito flexível e ligeira, porque essas organizações mais pesadas tornam-se uns monstros burocráticos. O prazer que se pode ter a fazê-los acaba por se diluir totalmente pelo desprazer das questões logísticas e orçamentais. É evidente que tudo precisa de organização.

b- Ainda há duas semanas, o artista Xana me dizia que no Algarve existem dois pólos a apostar nas artes – Lagos e Tavira. Concorda?

PCR – Lagos e Tavira têm de facto em comum serem locais mais

dinâmicos, onde há exposições, acontecem coisas. E é curioso serem nos dois extremos do Algarve. Há aqui uma perspectiva diferente, uma qualidade de vida. Mas por muito triste que possa parecer, creio que isso depende das pessoas que estão. Não é algo que esteja inculcado no programa normal e nas responsabilidades normais da administração pública. Certas coisas acontecem porque a administração pública é sensível aos argumentos de pessoas. Há os chamados carolas, que, umas vezes fora ,outras vezes dentro da administração pública, por vocação interior, por militância e por acreditarem, fazem as coisas acontecerem. Não quero mencionar nomes, mas quer num sítio, quer no outro, as coisas nascem porque há lá certas pessoas.

- "*Sou um homem do Sul*".

Conducted by Elisabete Rodrigues. In: **Barlavento**. A. XXXII, N.1528 (09.11.2006); Cultura. p. 24-27. (portuguese).